

A fundamentação do *Logos* hegeliano como experiência do pensar – Metafísica, idealismo transcendental e empirismo

André Cressoni

Universidade Estadual de Campinas¹

ABSTRACT: Hegel's idealism is well-known for its focus on the concept of idea permeating the whole system as its fundamental axis. Therefore, the concept of idea is granted the status of absolute, because it is unbound throughout all the levels and stages of development: logical, historical, political, religious and aesthetical. From this perspective, this paper intends to explore the meaning of the most fundamental level in which the concept of idea can be grasped: thought itself held fast in its pure conceptual level as logic. This results in a logos-thesis build in such a way as to respond to Modernity's main lemmas and to surpass this same Modernity by radicalizing its own lemmas. In this context, we will analyze how Hegel's dialectical idealism is linked to the idea of a critic of metaphysics, a critic of reason and to the critic of empiricism. These are the turning points of Kant's transcendental idealism, seen by Hegel as the major expression of Modern Philosophy. Analyzing how Hegel approaches and distances himself from Kant's viewpoint based on these pillars, we intend to show the foundation of Hegel's thesis of an experience of pure thought or a logos-thesis.

KEYWORDS: Hegel, Kant, Metaphysics, Idealism, Dialectics.

1. Introdução

Prestando atenção no curso histórico da filosofia, vemos se desenhar um desenvolvimento repleto de rupturas entre épocas e também entre escolas e autores que resulta em uma ainda maior diversidade do pensamento filosófico. Poucos discordariam que essas diversas rupturas espelham também uma continuidade, ao menos no que consiste em definir o conceito ou a ideia filosófica ela mesma. Assumir essa posição nos leva muito próximo daquilo que há de mais caro a Hegel. É ele, afinal, um dos maiores defensores de que a história da filosofia e a própria filosofia em si têm por objeto o conceituar da ideia filosófica, a ideia do pensar mesmo. Este é um dos motivos pelos quais Hegel se viu levado a teorizar uma unidade entre a filosofia e sua história. Mas como articular a experiência histórica dos desdobramentos pelos quais diversas concepções da ideia filosófica perpassam com os

* Artigo recebido em data 23/10/2015 e aprovado em data 15/03/2016.

¹ Este artigo foi produzido com auxílio de suporte financeiro de bolsa de doutorado-sanduíche CAPES/DAAD.



princípios racionais e lógicos que sustentam a própria determinação da ideia filosófica do pensar? Isso implica conceituar a ideia filosófica como um processo: articulando-se filosofia e história em unidade, deve haver uma correspondência entre o devir histórico e o lógico. Essa condição implica uma concepção diversa do domínio lógico, cuja importância fica demonstrada quando Hegel, em sua *Lógica*, aponta os limites dos conceitos de Ser e Nada para estabelecer, já inicialmente, o conceito de Devir. A dimensão lógica expressa, destarte, uma processualidade que espelha, na expressão pura do conceito filosófico, o produzir da ideia filosófica na história. A experiência concreta, a experiência do espírito encontra-se entrelaçada a uma experiência do pensar puro.

Para um tal paralelo, deve-se notar que o núcleo do idealismo hegeliano consiste em apreender as categorias lógicas enquanto produzidas no interior do pensar puro, a lógica, e pelo pensar puro ele mesmo. Esse é um dos pilares que sustenta a compreensão de Hegel da ideia enquanto vida. Ao deduzir uma processualidade lógica da ideia a partir da unidade da filosofia e sua história,² Hegel entra para a história da filosofia ao propor uma concepção da ideia filosófica que rompe com sua época.

É isso que Hegel mesmo indica já ao início do tratamento da Ideia enquanto Vida, apontando que o uso de vida parece extrapolar o domínio da lógica. Mas isso, segundo Hegel, é verdade somente para uma lógica formal e vazia, enfrentando, com isso, toda a lógica que toma somente o sensível como conteúdo. O curso inteiro da *Lógica* busca demonstrar que com a determinação da forma lógica em sua fluidez imanente, tomou-se o próprio pensar puro enquanto conteúdo do pensar. Essa ciência das determinações puras do pensar desdobrou-se até tornar-se ideia universal, o que demonstra o poder orgânico, a auto-organização de si da ideia absoluta em diversas vertentes.

Evitaremos adentrar o conceito de vida em Hegel, a não ser pontualmente, já que o principal foco de nossa análise será a ideia mesma enquanto pensar puro. A ideia enquanto vida, porém, nos leva ao centro da problemática hegeliana de um idealismo no qual se desdobra uma experiência do pensar. Ao conceber um produzir-se de si mesmo, com o pensar puro enquanto vida Hegel realizou uma das tarefas que já Kant havia colocado para a razão: autolegislação. Trata-se da ideia do tribunal da razão, no qual a razão legisla para si mesma

² Ao se analisar os escritos de juventude de Hegel até sua maturidade, pode-se ver como suas preocupações lógicas – que surgem, de fato, somente no período de Iena – derivam em sua maior parte de preocupações históricas que versavam sobre a compreensão dos processos de transformações pelos quais passaram o espírito dos povos no decorrer do tempo histórico.

seus próprios critérios de verdade. É justamente isso que permite ao pensar rever seus próprios critérios, mantendo-se crítica diante dos conceitos que ela mesma gera. Essa é uma tarefa da modernidade herdada por Hegel, criticada por ele e ao mesmo tempo levada às últimas consequências.

No decorrer deste artigo, buscaremos analisar os eixos que oferecem uma fundamentação de uma teoria da experiência do pensar puro em si mesmo. Entendido como o núcleo do idealismo hegeliano, essa experiência do puro pensamento implicará atravessarmos dois dos temas centrais que constituem uma ligação e um rompimento com o idealismo kantiano e ao mesmo tempo sustentam a ideia lógica hegeliana, a saber, o problema da metafísica hegeliana e a ideia de crítica da razão pura. Ao final, abordaremos como esses temas se relacionam com o empirismo de modo a permanecer sustentável a ideia de uma experiência pura do pensar em Hegel.

2. *O problema da metafísica hegeliana*

O debate sobre a metafísica hegeliana resulta, ainda hoje, em uma intensa discussão em torno de qual seria efetivamente a posição de Hegel, tendo em vista a metafísica tradicional pré-kantiana e o confronto com Kant. Nas últimas décadas vem crescendo a linha de reexame da lógica hegeliana, tendência esta que demonstra uma revalorização do legado kantiano em Hegel, mudando o eixo de leitura da *Fenomenologia* para a *Lógica*. O único ponto que parece haver uma concordância nesse movimento de reexame, ao menos em geral, jaz na busca de uma leitura não-metafísica.³ Essa saída da metafísica, porém, tem sido feita através de diferentes vias, como uma interpretação transcendental de Hegel, uma interpretação categorial, ou mesmo como investigação daquilo que existe, sem cair na metafísica tradicional. O debate é longo e envolve diversos ângulos de argumentos cuja análise nos faria perder de vista o objeto de nossa investigação. Diante disso, não temos aqui a intenção de destrinchar essa discussão.

A tese que defenderemos consiste em interpretar o que Hegel diz quando afirma que “A

³ Contrário às leituras não metafísicas de Hegel, Rosen argumenta que, se se atentar para a reivindicação da *Lógica* de um desenvolvimento imanente de conteúdos *a priori*, dever-se-á então concluir, a partir da crítica kantiana da metafísica dogmática, que a lógica hegeliana retorna à metafísica pré-crítica. Cf. ROSEN, M. From *Vorstellung* to thought: is a ‘non-metaphysical’ view of Hegel possible? In: STERN, R. (ed.) **G.W.F. Hegel – Critical Assessments, Vol. III – Hegel’s Phenomenology of Spirit and Logic**. London & New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 1993.

lógica coincide pois com a *metafísica*, a ciência das *coisas* apreendidas no *pensamento*.⁴ Assim, é ele mesmo que confirma coincidir sua lógica com uma metafísica. Porém, a nosso ver, trata-se de uma metafísica crítica ou reformulada, devendo, para tanto, repensar o sentido que se tem de metafísica. Esta reformulação consiste em tomar por análise os conceitos puros que, entretanto, não se referem a uma substância ou ser transcendente. Tendo isso em vista, tomaremos a lógica hegeliana como uma investigação do significado das categorias do pensamento, resultando numa tecitura conceitual sem a qual não é possível o próprio pensamento, e por isso, ainda que de modo não imediato, se referirá posteriormente a um existente, já que sem essa tecitura conceitual sequer um existente qualquer pode ser conceituado. Como Hegel afirma:

Mas previamente é preciso atentar bem que, enquanto o pensamento procura fazer das coisas um *conceito*, esse conceito (e por isso também suas formas mais imediatas, o juízo e o silogismo) não pode consistir em determinações e relações que sejam estranhas e exteriores às coisas.⁵

Tomaremos, enfim, argumentos de diversos autores que, apesar de não concordarem integralmente entre si, acreditamos ter argumentado a favor de uma leitura crítica da lógica de Hegel que possa auxiliar nossa própria posição em relação ao tema.

Por um lado, como aponta Stern, Hegel vê como inevitável a qualquer ciência o uso de conceitos metafísicos.⁶ Seja o empirismo, ou mesmo a física – veja a referência de Hegel no caso de Newton⁷ – todo proceder teórico consiste em envolver-se, assumidamente ou não, com os meandros que implicam uma reflexão metafísica. Devido a isso, Hegel não demonstra nenhuma hesitação em flertar de perto com os objetivos e procedimentos desta ciência.

Por outro lado, como aponta Pippin, costumou-se ver Hegel como um metafísico, seja uma metafísica falha mas interessante, seja uma metafísica de grande porte mas incomum e hostil às tradições filosóficas póstumas.⁸ Essa leitura de Hegel que se realiza, em grande parte, como cursos de graduação, deve-se, argumenta Pippin, em parte ao uso popular do texto *A razão na história*, já que é de mais fácil acesso. Esse texto, porém, “não é representativo do

⁴ HEGEL, G.W.F. *Enciclopédia das ciências filosóficas*. Vol. 1. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995, §24.

⁵ HEGEL. *Enciclopédia*, §24 A.

⁶ Cf. primeiro capítulo em: STERN, R. *Hegelian Metaphysics*. Oxford Scholarship Online, 2009.

⁷ HEGEL. *Enciclopédia*, §98 Z1.

⁸ PIPPIN, R. *Hegel's Idealism - The Satisfactions of Self-Consciousness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 4-5.

núcleo filosófico da posição de Hegel e pode levar a leituras desastrosas de suas outras obras.”⁹ Em parte, também, a leitura de Hegel como um metafísico tradicional e ingênuo deve-se à tendência de filiar Hegel ao romantismo alemão¹⁰ e a um cristianismo de caráter conservador, vendo nas teses hegelianas uma prova da existência de Deus. O rompimento com essa leitura de manual e romantizada de Hegel denuncia o erro de que, a partir dela, induz-se a ver na filosofia hegeliana a teorização de uma substância para além ou mais real que a experiência.¹¹

Concordamos com Pippin quando este afirma que, na tentativa de determinar um objeto possível, o pensamento pensa a si mesmo, de forma a aproximar-se da tese kantiana de que toda objetividade é sempre medida conceitualmente.¹² Entretanto, concordamos com Boer ao afirmar que a interpretação de Pippin reduz o escopo da lógica hegeliana à unidade da autoconsciência que, provinda da unidade da apercepção kantiana, representa para Hegel a manifestação concreta do puro conceito, mas não pode esgotar seu sentido total.¹³ Tendo em vista que Hegel mesmo afirma coincidir a lógica com a metafísica, acreditamos ser possível defender a tese segundo a qual aquilo que pode ser chamado de metafísica hegeliana não é a estipulação de uma substância inteligível transcendente a toda contingência sensível.¹⁴

Poderíamos dizer que a metafísica hegeliana é uma metafísica crítica, ou reformulada,¹⁵ explorando os conceitos de fato pensados por toda a tradição filosófica e demonstrando, não suas condições ou sua possibilidade, mas o ser ou o significado destes conceitos em si

⁹ PIPPIN. *Hegel's Idealism - The Satisfactions of Self-Consciousness*, p. 261, nota 5.

¹⁰ Não se pode ignorar diversos fatores que ligam Hegel ao romantismo alemão, não só por este ser um traço que marca seu desenvolvimento intelectual até o fim da fase de Frankfurt, mas também por tendências que ainda se exprimem na maturidade. Acreditamos, porém, que uma análise dessa relação deve cumprir-se com precaução, pois não somente deve-se evitar identificar o jovem Hegel ao romantismo (sobre isso cf. LUKÁCS, G. *The Young Hegel*. Trans. R. Livingstone. London: Merlin Press, 1975, p. 34), como vemos um distanciamento em relação ao romantismo a partir da fase de Iena. E mesmo os elementos românticos que permanecem próximos são reformulados de uma maneira própria a Hegel.

¹¹ Como aponta Pippin, Hegel disse, em carta a Goethe, que “nós filósofos temos um inimigo comum, a metafísica” (HEGEL apud PIPPIN. *Hegel's Idealism - The Satisfactions of Self-Consciousness*, p. 17).

¹² PIPPIN. *Hegel's Idealism - The Satisfactions of Self-Consciousness*, p. 182-183.

¹³ BOER, K. *Hegel – the sway of the negative*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010, p. 215, nota 1.

¹⁴ Como diz Hegel, “A ideia é presente e efetiva, não é algo além e atrás [do real]” (HEGEL. *Enciclopédia*, §24 Z3). Essa tese é demonstrada, em toda sua extensão, na Doutrina da Essência.

¹⁵ Uma metafísica reformada, como diz Houlgate (cf. HOULGATE, S. *Hegel, Nietzsche and the criticism of metaphysics*. New York: Cambridge University Press, 1986, p. 123), baseando-se no trecho em que Hegel afirma: “A Lógica especulativa contém a Lógica e a Metafísica de outrora; conserva as mesmas formas-de-pensamento, leis e objetos, mas ao mesmo tempo aperfeiçoando e transformando com outras categorias” (HEGEL. *Enciclopédia*, §9). Acreditamos, seguindo Longuenesse, que essa reformulação hegeliana consiste em realizar uma espécie de síntese entre a metafísica pré-kantiana e a filosofia transcendental de Kant, buscando superar ambos em vista de uma lógica pura do pensar que tenha papel constitutivo no conhecimento.

mesmos.¹⁶

3. *Entre a metafísica e o idealismo transcendental*

A ligação do idealismo especulativo de Hegel ao que na Alemanha de seu tempo chamava-se de metafísica antiga – ou seja, a metafísica logo anterior a Kant, especialmente a de Wolff – fica bastante palpável a partir de duas características principais.

Em primeiro lugar, Hegel avalia que essa metafísica estava correta ao julgar que a verdadeira natureza das coisas são apreendidas a partir do pensamento. Esse é um dos traços que Hegel a considera como mais avançada do que Kant, pois este, com a restrição do conhecimento somente aos fenômenos tais como nos aparecem, sem acesso às coisas elas mesmas, relegou todo conhecer à mera opinião.¹⁷

Essa ciência [a antiga metafísica] considerava as determinações-de-pensamento como as *determinações-fundamentais das coisas* (*Grundbestimmungen der Dinge*). Por essa pressuposição de que o que *é*, pelo fato de ser *pensado*, é conhecido *em si*, ela se colocava mais alto que o filosofar crítico posterior.¹⁸

Ao tratar de Kant em suas *Lições*, Hegel aponta que se vê aflorar na Alemanha a consciência de si na qual recai toda a essencialidade (*Wesenheit*). Ainda que essa consciência de si reivindique todos os momentos do em-si (*alle Mommente des Ansich*), está marcada, no entanto, por uma oposição (*Gegensatz*) que consiste em colocar o real da coisa-em-si como oposto a essa consciência de si. Como diz Hegel:

a filosofia kantiana levou de volta a essencialidade para dentro da consciência de si, mas não pode proporcionar alguma realidade a essa essência da consciência de si ou a essa pura consciência de si, ele não pode mostrar o ser nessa consciência de si ela mesma.¹⁹

Com isso está furtada a verdade para a consciência de si, pois seu contato restringe-se ao fenômeno tal como lhe é percebido, e não ao real em sua objetividade concreta. Através deste caráter marcante da filosofia kantiana, ela é considerada por Hegel como o Iluminismo

¹⁶ Hartmann chega a afirmar de Hegel que “Sua realização é vista por repousar em uma hermenêutica das categorias” (HARTMANN, K. Hegel: a non-metaphysical view. In: STERN. **G.W.F. Hegel – Critical Assessments**, 1993, p. 257).

¹⁷ HEGEL, G.W.F. **Wissenschaft der Logik**. Hamburg: Felix Meiner, 1963, p. 26.

¹⁸ HEGEL. **Enciclopédia**, §28.

¹⁹ HEGEL, G.W.F. **Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie**. In: **Werke**. Band 20. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, p. 231.

tornado método (*die methodisch gemachte Aufklärung*), já que “não se pode saber nada de verdadeiro, mas somente o fenômeno.”²⁰ A crítica kantiana da razão demonstra ser um idealismo somente subjetivo, preso à subjetividade do indivíduo que só conhece fenômenos,²¹ o ponto de vista da consciência em sua finitude, isto é, uma consciência que encontra seu fim no outro, no objeto. Mesmo que com Kant o pensar atue como autor de suas próprias determinações, seu idealismo falha por tomar o pensar a partir da subjetividade: “Essa filosofia também fez um começo por deixar a razão ela mesma exibir suas próprias determinações. Mas o ponto de vista subjetivo (*subjektive Haltung*) dessa tentativa não o deixou alcançar acabamento (*Vollendung*).”²²

A universalidade e necessidade que Kant, segundo Hegel, acertadamente creditou ao pensar em sua própria unidade consigo, é teorizada a partir dessa oposição intransponível entre a consciência e a coisa-em-si segundo a qual o real de fato situa-se num além absoluto (*absolutes Jenseits*), fora do alcance da cognição.²³ Isso significa que essa universalidade e necessidade constituem-se meramente enquanto condição subjetiva do conhecimento sem verdade alguma:

essa universalidade (*Allgemeinheit*) e essa necessidade (*Notwendigkeit*) só são ao mesmo tempo uma condição subjetiva (*subjektive Bedingung*) do conhecimento (*Erkenntnis*), que a razão com sua universalidade e sua necessidade não chegam, entretanto, à verdade.²⁴

As categorias do pensar só poderão ser tomadas em sua universalidade e necessidade efetiva se se ultrapassar o sentido subjetivo ao qual Kant as restringiu.²⁵ É esse o sentido que Hegel busca oferecer com a Doutrina do Conceito que constitui a Lógica Subjetiva. Não se trata, ali, de uma lógica da subjetividade do indivíduo, mas da subjetividade do pensar puro. Se Hegel inicia o tratamento da Doutrina do Conceito analisando a unidade originária da apercepção de Kant, isso não significa que a unidade do conceito simplesmente substitui a unidade kantiana da apercepção. Ou melhor, a substituição da unidade kantiana da apercepção

²⁰ HEGEL. *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, p. 332. Relacionando a restrição à certeza subjetiva sem certeza objetiva de Kant à defesa de Jacobi, para quem conhecer a verdade chega a ser uma blasfêmia, Hegel diz: “Desolador tempo para a verdade onde toda metafísica, toda filosofia passou – onde só vale a filosofia que não é uma!” (HEGEL, *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, p. 383).

²¹ Cf. HEGEL. *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, p. 348-349.

²² HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, p. 28

²³ Cf. HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, p. 440-441.

²⁴ HEGEL. *Vorlesungen über der Geschichte der Philosophie*, p. 337.

²⁵ Cf. HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, p. 46.

pela unidade do conceito implica uma ampliação do sentido dessa unidade para além da restrição subjetiva que esta tinha para Kant. Como aponta Duquette, a unidade do conceito é, tal como para a apercepção kantiana, “um princípio de organização e unidade para a objetividade do lado do puro pensamento,” mas que, diferente de Kant, “para Hegel o Conceito é um princípio genérico de inteligibilidade que se aplica também ao Absoluto.”²⁶ O princípio de organização do conceito enquanto unidade não advém de fora à Lógica Objetiva que antecede a Lógica Subjetiva, mas lhe é interno

porque é o princípio ou critério de tal inteligibilidade, e nesse sentido difere significativamente tanto dos princípios da metafísica tradicional, que são reificados em entidades transcendentais, e dos princípios da filosofia transcendental de Kant que, no outro extremo, permanece puramente formal e subjetivo.²⁷

Mesmo que a crítica da coisa-em-si kantiana surja em diversos momentos, é a Doutrina da Essência o âmbito em que se opera a problematização e resolução dessa relação da coisa-em-si e seu aparecer. Vemos, por exemplo, que já nas primeiras páginas do capítulo primeiro da Doutrina da Essência intitulado Aparência (*Schein*),²⁸ Hegel se volta justamente para a crítica desse aspecto da filosofia kantiana (assim como do ceticismo e de Fichte). Enquanto mediação entre o Ser e o Conceito, a Essência resolve-se ao desdobrar a unidade do que comumente se coloca em oposição. No que toca mais imediatamente a problemática kantiana, Hegel concebe a aparência como o modo de existir do Ser diante da Essência, isto é, ao buscarmos uma essência enquanto dimensão mais profunda que explique aquilo que o ser imediato não foi capaz de demonstrar por si mesmo, este próprio ser em sua imediatidade surge-nos como mera aparência. Mas a essência é a aparência em sua determinação enquanto ser: “Aparência (*Schein*) é a essência ela mesma na determinidade do ser.”²⁹ Entretanto, ainda que a essência se mostre na aparência, esta, enquanto pura imediatidade, é também uma ilusão e mantém algo de oculto da essência, daí Miller traduzir *Schein* por ‘ser ilusório.’ A aparência (*Schein*) distingue-se, porém, do fenômeno (*Erscheinung*), já que deixou-se o âmbito da completa imediatidade da essência, e esta, refletida em si mesma, fez-se fundamento (*Grund*)

²⁶ DUQUETTE, D. Kant, Hegel and the possibility of a speculative logic. In: Di GIOVANNI, G. (org.). **Essays on Hegel's Logic**. Albany: State University of New York Press, 1990, p. 11.

²⁷ DUQUETTE. Kant, Hegel, p. 11.

²⁸ Seguimos aqui a tradução francesa de Jankélévitch por *Aparência* ao invés da tradução inglesa de Miller por *Ser Ilusório* (Illusory Being). Meneses, na tradução da *Enciclopédia*, traduz *Schein* por *aparência* e *Erscheinung* por *aparência* e *fenômeno*.

²⁹ HEGEL. **Wissenschaft der Logik**, p. 11.

e, com isso, fez-se também existência (*Existenz*). Ainda que, tal como a aparência, o fenômeno seja transitório, difere da aparência por não deixar nada oculto, sendo o existir mesmo da essência. O tornar-se existência da essência é o seu fazer-se fenômeno, pois “A essência deve *aparecer* (*Das Wesen muß erscheinen*),”³⁰ de modo que a essência manifesta-se em uma forma mais completa, pois “o aparecer (*Schein*) desenvolvido é o fenômeno (*Erscheinung*).”³¹ Um grande passo foi dado na direção de uma teoria que subverte a oposição tradicional do entendimento: “A essência portanto não está *atrás* ou *além* do fenômeno; mas, porque é essência que existe, a existência é fenômeno.”³² Desta maneira, ao conceber que não há algo por detrás daquilo que se vê, rompe-se tanto com a oposição kantiana de que há uma instância inatingível por detrás do fenômeno, quanto com a oposição metafísica de que há uma essência unicamente verdadeira para além do fenômeno, este concebido como completamente falso. Para Hegel, a essência se fez existência e, ao manifestar-se enquanto fenômeno, nem a essência é inatingível, nem o fenômeno é completamente falso.

O que algo é, portanto, ele é totalmente em sua externalidade (*Äußerlichkeit*); sua externalidade é sua totalidade e é igualmente sua unidade refletida em si. Seu fenômeno não é somente reflexão em outro (*Reflexion in anderes*), mas em si, e sua externalidade é, portanto, a expressão (*Äusserung*) do que ele é em si; e já que seu conteúdo e forma são completamente idênticos, ele é, em e por si mesmo, nada além disso, *expressar* (*äußern*) a si. Ele é o manifestar (*Offenbaren*) de sua essência de tal maneira que essa essência consiste simples e tão somente em ser aquilo que se manifesta.³³

Somente com essa convergência entre o fenômeno e sua essência, entre o que surge como externalidade manifesta e sua interioridade essencial, pode-se declarar, como Hegel o faz em seguida, aquilo que é efetivo. A efetividade (*Wirklichkeit*) como último momento da esfera da Essência surge da superação da oposição de essência e fenômeno e desencadeia a unidade final da essência enquanto reflexão – com a relação de substância e acidentes, causa e efeito – para dar origem à esfera do Conceito.

³⁰ HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, p. 101. Assim como HEGEL. *Enciclopédia*, §131. Jankélévitch traduz este trecho da grande lógica do seguinte modo: “A essência deve fenomenalizar-se” (HEGEL, G.W.F. *Science de la Logique*. Trad. S. Jankélévitch. Paris: Aubier Editions Montaigne, 1949, p. 117). O recurso dele é transformar o verbo *erscheinen* em um verbo reflexivo. Ainda que isso não seja contra a tese hegeliana, já que a essência faz-se enquanto fenômeno ao refletir-se sobre si mesma, escolhemos traduzir *erscheinen* por *aparecer* para seguir ao máximo o modo de operar do verbo alemão, colocando entre parêntesis o texto original para não confundir o aparecer (*erscheinen*) do fenômeno (*Erscheinung*) com o aparecer (*scheinen*) da aparência (*Schein*).

³¹ HEGEL. *Enciclopédia*, §131.

³² HEGEL. *Enciclopédia*, §131.

³³ HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, p. 155.

Desta forma, superando a cisão tipicamente metafísica entre o fenômeno e a essência, Hegel ainda assim mantém da metafísica, contra Kant, a pergunta pelo que é verdadeiro, uma pergunta que Kant, para superar a metafísica, deixou de lado, mas que é a pergunta de maior interesse para a filosofia.

Mas vitória do criticismo kantiano sobre essa [metafísica] consiste muito mais em eliminar a investigação que tem por objetivo a *verdade* e esse objetivo ele mesmo; ele não faz de modo algum a questão de único interesse, se um assunto particular (*bestimmtes Subjekt*), aqui o *Eu abstrato da representação*, possui verdade em e por si mesmo.³⁴

A segunda característica que Hegel considera como verdadeira na metafísica jaz no seu objeto, a saber, ao tratar do absoluto e infinito. Hegel considera um ganho o fato de Kant colocar a razão como a faculdade do incondicionado e infinito. Do mesmo modo aqui, “Os objetos da antiga metafísica eram, decerto, totalidades que pertencem em si e para si à *razão*, ao pensar do universal em si *concreto, alma, mundo, Deus.*”³⁵ Entretanto, o diferencial de Hegel está em buscar superar o método dessa metafísica, o seu *modus operandi*, e assim reformulá-la. Três são os momentos que Hegel busca reformular no proceder metafísico e que podem ser pensados como atingindo a crítica ao proceder do próprio entendimento.³⁶

Assim, ainda que (tal como a metafísica) o idealismo hegeliano tenha por objeto o absoluto e infinito, ele não sofreria do defeito que consiste em tomar estes seus objetos a partir da representação, como dados prontos:

Mas a metafísica os recebia da *representação (Vorstellung)*, punha-os no fundamento como *sujeitos dados já prontos*, pela aplicação [que lhes fazia] das determinações-de-entendimento (*Verstandesbestimmungen*); e somente nessa representação tinha o *critério* [para julgar] se os predicados eram ou não adequados e satisfatórios.³⁷

Os próprios termos de Hegel demonstram quanto o foco da crítica volta-se para o proceder próprio ao entendimento que lida com representações a serem aceitas, trabalhando a partir delas como dados prontos. Dessa forma procedeu o que ficou conhecido, a partir de

³⁴ HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, p. 434-435.

³⁵ HEGEL. *Enciclopédia*, §30.

³⁶ Hegel mesmo chega a se referir (cf. HEGEL. *Enciclopédia*. §32 Z) à metafísica antiga como metafísica-do-entendimento (*Verstandesmetaphysik*). Pode-se dizer que essa metafísica crítica ou reformulada de Hegel consiste em realizar uma espécie de metafísica racional, especulativa, o que, por si só, mudaria por completo o próprio sentido que comumente se tem de metafísica.

³⁷ HEGEL. *Enciclopédia*, §30.

Wolff, como metafísica geral, a parte da metafísica que trata da ontologia, de modo que essas determinações abstratas da essência, como Hegel diz, são “enumeradas de modo *empírico* e *contingente*, e seu *conteúdo* mais preciso só pode ser fundado sobre a *representação*;” assim como a parte chamada de psicologia racional pertencente à metafísica especial e que, ao tratar da alma, toma essa na qualidade de uma coisa, um objeto; e não menos quando buscou tratar de Deus, pois “não era uma ciência-de-razão, mas uma ciência *de entendimento* sobre Deus,” e “Quando se tratava do *conceito* de Deus, era a *representação* de Deus que formava o critério para o conhecimento,” de tal forma que “Deus torna-se desse modo para nós um simples Além (*Jenseits*).”³⁸ O problema nisso está em que o pensar deixa de ser livre, isto é, deixa de fazer-se a partir de si mesmo, pressupondo algo já pronto. Aceita-se uma dada representação como critério para se realizar juízos em relação à natureza racional daquilo que se busca investigar

Do mesmo modo, é falha essa metafísica quando ingenuamente acreditava que, das determinações que se lhe apresentavam, diante de “*duas afirmações opostas* (...) uma devia ser *verdadeira*, mas a outra *falsa*.”³⁹ Isso era, para Hegel, a fonte de dogmatismo da metafísica, pois a unilateralidade que marca este procedimento impede que se abarque o todo de suas determinações. É o conhecido ‘ou-ou’ ao qual Hegel continuamente demonstra seu repúdio e que, uma vez mais, é a marca condutora do entendimento: “Mas o dogmático, no sentido estrito, consiste em que as determinações unilaterais de entendimento são retidas com exclusão das determinações opostas.”⁴⁰ É assim quando a metafísica se propunha a investigar o mundo. Nessa sua cosmologia, conduzia-se o pensar através de oposições absolutas (*absolute Gegensätze*) tais como necessidade e liberdade, essência/substância e fenômeno, forma e matéria, entre outras,⁴¹ e por isso “considerava esse objeto concreto (*Gegenstand*) não como um Todo concreto (*konkretes Ganzes*), mas só segundo determinações abstratas;”⁴² assim também, ao tratar da alma como algo simples ou composto,⁴³ finita ou infinita.⁴⁴ Esse isolamento de determinações unilaterais diverge daquilo que Hegel se propõe, já que para ele é válido o princípio da totalidade (*Prinzip der Totalität*), ou seja, “tais determinações não são

³⁸ HEGEL. **Enciclopédia**, §36 Z.

³⁹ HEGEL. **Enciclopédia**, §32.

⁴⁰ HEGEL. **Enciclopédia**, §32 Z.

⁴¹ HEGEL. **Enciclopédia**, §35 A.

⁴² HEGEL. **Enciclopédia**, §35 Z.

⁴³ HEGEL. **Enciclopédia**, §34 Z.

⁴⁴ HEGEL. **Enciclopédia**, §32 Z.

válidas em seu isolamento, e só valem como suprassumidas (*aufgehoben*).⁴⁵ Deve-se atentar para o fato de Hegel buscar abordar tais determinações segundo o sentido lógico que carregam, e não enquanto predicados aplicados a um objeto. Essa é, destarte, a terceira crítica à metafísica.

Errava também essa metafísica ao determinar seus objetos a partir de predicados, e com isso realizavam um procedimento que é ao mesmo tempo preso às determinações finitas e estranho à coisa ela mesma. De um lado, essa predicacão do objeto toma “de modo imediato as determinações-de-pensamento abstratas,” e por isso finitas, e não infinitas. Como Hegel deixa bem claro, é finito aquilo que encontra um fim, isto é, tem seu limite no seu Outro (*Andere*), deixando de ser a si mesmo nesse encontro com a alteridade. O infinito, porém, “não se deve, como na representação habitual, apreender como um abstrato Além (*abstrakte Hinaus*) e sempre-mais-Além (*Immer-weiter-Hinaus*),⁴⁶ mas consiste, isso sim, em não ter fim ou limite, não deixar de ser a si mesmo no seu Outro, mas neste está junto de si mesmo. De outro lado, na busca de quais predicados eram atribuíveis ao objeto investigado, essa atribuição pautava-se, como Hegel diz, “em uma reflexão exterior sobre o objeto, porque as determinações (os predicados) estão prontas em minha representação, e são atribuídas apenas exteriormente ao objeto.”⁴⁷ Este proceder não realiza o projeto crítico que Hegel acredita ser o núcleo da filosofia, ou seja, o fazer-se de si mesmo, pois “provar significa em filosofia o mesmo que mostrar como o objeto se faz – por si mesmo e de si mesmo – o que ele é.”⁴⁸ Somente assim o verdadeiro conhecimento de um objeto “se determina de si mesmo e não recebe de fora seus predicados.”⁴⁹

Todas essas críticas intimamente interligadas umas às outras (vê-se na última, que na ordem de Hegel é a primeira, um tipo de síntese das outras) correspondem à crítica hegeliana ao proceder do próprio entendimento. Como afirma Duquette, diferente de Kant, Hegel não abandona a intenção da metafísica de conceber o absoluto, mas essa intenção deve ser transposta para uma concepção especulativa do absoluto, e não segundo o entendimento:

podemos ver a crítica de Hegel da metafísica como uma crítica de seu discurso, uma crítica de sua tentativa de conceber o absoluto de acordo com a lógica da *Verstand* que provê padrões conceituais que são adequados a objetos finitos de explicação,

⁴⁵ HEGEL. *Enciclopédia*, §32 Z.

⁴⁶ HEGEL. *Enciclopédia*, §28 Z.

⁴⁷ HEGEL. *Enciclopédia*, §28 Z.

⁴⁸ HEGEL. *Enciclopédia*, §83 Z.

⁴⁹ HEGEL. *Enciclopédia*, §28 Z.

mas inadequado aos princípios da inteligibilidade em si mesma.⁵⁰

Isso fica bem explícito quando Hegel afirma que, “no que toca mais precisamente ao procedimento daquela antiga metafísica, deve-se notar a esse respeito que ela não ultrapassa o pensar meramente *do entendimento (das bloß vertändige Denken)*.”⁵¹ Seja quanto à representação, à unilateralidade ou aos predicados, podemos dizer que todos estes têm como núcleo determinações que surgem enquanto “abstrações como válidas por si mesmas,” ou seja, que não são examinadas “as determinações-de-entendimento segundo seu conteúdo e valor próprios.”⁵²

4. A tarefa de uma crítica da razão

A crítica hegeliana à metafísica retoma um dos temas principais da modernidade, a saber, a ideia de uma crítica da razão, ou ainda, do tribunal da razão. O tribunal da razão é uma noção que marca o Iluminismo e ganha uma formulação completamente nova em Kant. A adesão de Hegel a essa ideia de uma razão autolegisadora é, como diz Dilthey, “a posição soberana da razão frente às manifestações sensíveis, à autoridade e à tradição.”⁵³ A tese kantiana da razão autolegisadora chama a atenção de Hegel e seus companheiros já desde muito cedo, no período de Tübingen.⁵⁴ O projeto lógico hegeliano, porém, difere do kantiano na medida em que abstrai da experiência sensível. Como Kant aponta, a diferença da lógica em geral e a lógica transcendental consiste em que a primeira compõe-se tão somente das leis necessárias do pensamento, enquanto a segunda não abstrai de todo do conhecimento dos objetos. Ou seja, apesar de também não oferecer explicações empíricas, a lógica transcendental oferece, no entanto, as condições para uma experiência possível, as condições

⁵⁰ DUQUETTE. Kant, Hegel, p. 09.

⁵¹ HEGEL. **Enciclopédia**, §28 Z.

⁵² HEGEL. **Enciclopédia**, §28.

⁵³ DILTHEY, W. **Hegel y el Idealismo**. Trad. Eugenio Ímaz. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1944, p. 19.

⁵⁴ É comum encontrar nos diversos estudos dessa temática a referência a Kant e ao Iluminismo. Porém, deve-se ter em mente que Hegel está completamente ciente de que Platão foi um dos maiores antecessores, e quiçá o maior antecessor, da filosofia idealista que defende o pensar como autolegisadora. Afinal, se essa ideia “constituiu a tarefa mais urgente da moderna filosofia alemã,” deve-se ter em mente, como aponta Dilthey, que “Desde Platão nada fez uma contribuição maior que Kant no que respeita a justificação do pensamento ante si mesmo.” Esse reconhecimento de Platão e do Sócrates platônico como autoridade no que toca uma razão autolegisadora surge já desde sua juventude. Sobre essa ligação de Hegel a Platão e Sócrates em sua juventude, cf. CRESSONI, A. Sócrates no período das Luzes – a crítica do jovem Hegel à imagem socrática no espírito do Iluminismo alemão. **Revista E. F. e H. da Antiguidade**. Campinas, nº 26, Julho 2009/Junho 2003.

de possibilidade do objeto da experiência.⁵⁵ Por outro lado, a lógica que Hegel busca elaborar não faz referência a objetos empíricos e é independente até mesmo das condições de possibilidade de um objeto, pois trata-se da possibilidade da experiência do próprio pensar em si mesmo. Deste modo, não concerne o conteúdo fenomênico do sensível, mas, como diz Weinkauff, é “a expressão conceitual de um objeto no interior de um discurso racional,” de modo que “Hegel fala da experiência em termos de discurso, isto é, como um tipo de *logos* e não em termos de sua constituição material.”⁵⁶ Essa expressão conceitual do objeto, que Weinkauff determina como discursividade do objeto, é, para Hegel, mais basilar que a objetividade do objeto que Kant elabora em sua lógica transcendental. Assim, ainda que existam referências ao sensível, a lógica de Hegel busca deslindar o pensar em sua pureza inteligível e, com isso, obter conteúdo a priori.

É nesse momento que a diferença entre Kant e Hegel torna-se marcante. Em sua crítica à metafísica dogmática, Kant proibiu conteúdos a priori: as ideias da razão, cuja autonomia consiste em não se referirem a um conteúdo empírico, não podem ter papel constitutivo na produção do conhecimento. Somente os conceitos do entendimento têm papel constitutivo, pois buscam seu conteúdo no sensível que lhe surge a partir da intuição. Para Hegel, porém, isso não somente significa que Kant implantou um dualismo entre inteligível e sensível, mas também tirou da razão seu alcance da verdade filosófica.

Apesar de Hegel pensar ser um grande trunfo de Kant o fato de que ele “assumiu por tarefa examinar em que medida, de modo geral, as formas do pensar são capazes de proporcionar o conhecimento da verdade,”⁵⁷ essa crítica da razão resumiu-se a fazer uma análise prévia do conhecimento, aprendendo a nadar antes de entrar na água. Com essa crítica prévia a todo conhecer, a falha fundamental da filosofia transcendental foi superar a metafísica ao interditar às categorias do entendimento e da razão a aplicação às coisas nelas mesmas. Porém, aponta Houlgate, a verdadeira tarefa de uma crítica da metafísica não deve ser a remoção das formas do pensar objetivo do interior da realidade, mas criticar “o modo abstrato no qual essas categorias são concebidas pelo entendimento.”⁵⁸ É para isso que Hegel aponta já nas primeiras páginas da *Lógica* ao tratar da crítica kantiana:

⁵⁵ KANT, I. *Kritik der reinen Vernunft*. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1968, A 52/B 76 a A 57/B 82 e A 158/B 197.

⁵⁶ WEINKAUFF, D. Hegel's logic as an *Allesaufhebung* of antinomies. *Journal of Philosophy*, vol. 10, nº 2, 2009, p. 01.

⁵⁷ HEGEL. *Enciclopédia*, §41 Z1.

⁵⁸ HOULGATE. *Hegel, Nietzsche and the criticism of metaphysics*, p. 120.

Aquela crítica, então, somente removeu da coisa as formas do pensar objetivo; mas as deixou no sujeito tal como as encontrou. Isto é, esse criticismo não considerou, com efeito, essas formas em e por si mesmas e segundo seus próprios conteúdos, mas simplesmente os tomou lematicamente a partir da lógica subjetiva; de forma que não houve questão alguma de uma dedução (*Abteilung*) delas nelas mesmas ou uma dedução delas como formas da lógica subjetiva, mas menos ainda de uma consideração dialética das mesmas.⁵⁹

O objetivo de Hegel é salientar que nem Kant, nem a metafísica – ou mesmo o empirismo – colocaram à prova as categorias que estão subentendidas em suas investidas teóricas. É esse o objeto hegeliano ao empreender uma análise do pensar puro em suas determinações lógicas, a saber, o que as categorias, em si mesmas, nos dizem delas próprias. Usá-las, seja em substâncias transcendentais que se escondem por detrás dos fenômenos, seja em suas aplicações transcendentais a fenômenos somente tal como nos são acessíveis, não implica que foram derivadas a partir de seu conteúdo conceitual puro. No prefácio à segunda edição da *WdL*, Hegel protesta contra aqueles que o criticam sem avaliar as categorias que eles tomam como pressupostos:

Ao contrário, muito amiúde e muito veementemente tive de lidar com tais oponentes incapazes de fazer a simples reflexão que suas ideias (*Einfälle*) e objeções (*Einwurf*) contêm categorias que são pressuposições e que primeiro precisam, elas mesmas, da crítica antes de serem empregadas.⁶⁰

A própria oposição sujeito e objeto é colocada em xeque por Hegel como um pressuposto que não foi questionado por Kant:

A filosofia crítica submete então a exame, antes de tudo, o valor dos *conceitos-do-entendimento* utilizados na metafísica, e, aliás, também nas outras ciências e na representação ordinária. No entanto, não se dirige essa crítica ao *conteúdo* e à relação determinada, dessas determinações-de-pensamento entre si, mas considera-se segundo a oposição de *subjetividade* e *objetividade* em geral.⁶¹

Tal separação entre subjetivo e objetivo perde de vista o que Hegel visa como sendo uma derivação imanente do conteúdo lógico das categorias que devem passar pelo crivo da crítica. Somente essa derivação imanente pode ser, de fato, uma crítica imanente, de forma a elucidar aquilo que está expresso nas categorias em si e por si mesmas, sua dialética interior.

⁵⁹ HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, p. 28.

⁶⁰ HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, p. 20.

⁶¹ HEGEL. *Enciclopédia*, §41.

Ao assumir que sua lógica é passível de ser realizada de forma mais completa ou mesmo em mais detalhes, Hegel ainda assim diz estar certo de ser este o único método verdadeiro. E continua: “Isso já é claro a partir do fato que ele não é algo distinto de seu objeto e conteúdo; pois é o conteúdo em si, a dialética que ele possui dentro de si que o impulsiona adiante (*fortbewegt*).”⁶²

A proposta de Hegel é, com isso, demonstrar como a dialética, esse movimento conceitual, não é imposto pelo pensar às determinações lógicas. Pelo contrário, a sequência categorial resulta de uma contradição interna a cada categoria que, ao manifestar em toda amplitude seu significado, requer, a partir de si mesma, que uma outra categoria determinada surja para realizar uma completude e um fechamento daquilo que a anterior não conseguiu realizar por si só. Essa transição ocorre, porém, de modo ininterrupto até alcançar a ideia absoluta que, ao final, tem a totalidade mais desenvolvida. Nada advém de fora; tudo se faz como um exame crítico das categorias e determinações de pensamento nelas mesmas, estas que, no caso da metafísica, do empirismo e de Kant, são utilizadas de modo acrítico, isto é, servem para operar a crítica a partir delas, tomando-as como pontos de partida, mas não uma crítica delas nelas mesmas.

Esse é o desenvolvimento crítico imanente do conteúdo lógico que Hegel pretende formular como tomando o lugar da metafísica. Ou seja, enquanto metafísica reformulada ou crítica, trata-se de uma crítica dos conceitos puros do pensar. É assim que, apesar de estabelecer claros laços com a noção kantiana de crítica, seria mais frutífero, de acordo com Longuenesse, pensar o sentido de crítica em Hegel não retrospectivamente, em relação a Kant, mas prospectivamente, relação a Marx.

Hegel produz uma crítica da metafísica como Marx produzirá uma *Crítica da economia política*. O que significa reciprocamente, e mais justamente, que Marx produzirá uma crítica da economia política como Hegel, e não Kant, produziu uma crítica da metafísica. Marx não demanda: em quais condições uma economia política é possível? Mas: o que se passa, isto é, se pensa, *de fato* na economia política? Quais são as referências e relações recíprocas de seus conceitos?⁶³

Ao fim dessa metafísica crítica, dessa exposição dos conceitos puros do pensar, resultará que o ser ou significado dessas determinações lógicas consiste na reflexão do pensar

⁶² HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, p. 36.

⁶³ LONGUENESSE, B. *Hegel et la critique de la métaphysique – étude sur la doctrine de la essence*. Paris: Vrin, 1981, p. 07.

nele mesmo. Como Duquette aponta, Hegel é considerado um filósofo metafísico, no sentido clássico da metafísica, por tratar do puro Ser, a primeira categoria de sua *Lógica*.⁶⁴ Essa caracterização da lógica hegeliana, porém, não é veraz, segundo Duquette, se se analisar o que de fato ocorre nestes primeiros momentos da Doutrina do Ser. O puro ser demonstra um defeito: em sua própria determinação, ele termina por se assemelhar ao Nada. O ser, tomado como puro ser, é “sem qualquer outra determinação,” sua pureza seria perdida se qualquer outra determinação, conteúdo ou diferença lhe fosse atribuído, e por isso é “pura indeterminidade e vazio.”⁶⁵ Devido a isso, o ser puro não é “nem mais nem menos que o nada.”⁶⁶ Nessa relação entre puro ser e nada surge o devir como momento no qual a semelhança de ambos se coloca e ao mesmo tempo sua distinção se mantém. O devir é, destarte, esse tornar-se (*Werden*) porque para o ser e o nada “Sua verdade é, então, esse movimento de desaparecimento imediato de um no outro.”⁶⁷ Mas o devir não é uma categoria que implica transformação, como aponta McTaggart.⁶⁸ O movimento de oposição entre ser e nada que resulta no devir consiste numa crítica do pensar sobre si mesmo, na medida em que o sentido do devir consiste no próprio pensamento que não estaciona numa ou noutra categoria, mas acompanha o movimento mesmo do pensar como sua determinação e conteúdo.⁶⁹ Já com isso se vê que a proposta de Hegel não se volta sobre um conceito do puro ser enquanto substância metafísica, mas enquanto categoria que o pensar põe e que, ao buscar por seu significado, acaba por desvelar o próprio pensar enquanto movimento lógico.

O erro da metafísica consiste em violar a diferença ente o ser e as coisas, de modo que, como diz Duquette, “o engano está na tentativa de pensar o Ser como se fosse um tipo de coisa ou entidade, apreensível através da lógica das coisas comuns, a lógica do entendimento.”⁷⁰ Ao tomar o conceito de ser nele mesmo, em sua pureza conceitual, o resultado é o rompimento da máxima do entendimento que afirma a distância entre a identidade de algo e seu oposto. Contra o proceder do entendimento do ou-ou que exclui o outro de si, o ser em si mesmo mostrou-se, em sua completa indeterminação, como idêntico ao nada. Hegel já de início explicita dois erros da metafísica do entendimento: o ser tomado

⁶⁴ DUQUETTE. Kant, Hegel, p. 05

⁶⁵ HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, p. 66.

⁶⁶ HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, p. 67.

⁶⁷ HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, p. 67.

⁶⁸ McTAGGART, J. E. *A Commentary on Hegel's Logic*. London: Routledge/Thoemmes, 1999, p. 18.

⁶⁹ DUQUETTE. Kant, Hegel, p. 05.

⁷⁰ DUQUETTE. Kant, Hegel, p. 06.

como entidade, isto é, segundo a lógica das coisas finitas, e o princípio de identidade que exclui do ser o seu outro. A verdade do ser e do nada se mostra, assim, naquilo que o entendimento não se permite entrar: uma concepção não estática, mas de transição de uma determinação a outra. Esse princípio é, segundo Duquette, justamente o da negação dialética:

Esse princípio permite a Hegel sublimar a metafísica: anular a forma de seu discurso, que apresenta seu objeto na forma da mera objetividade, enquanto preserva seu conteúdo que é constituído no pensamento da totalidade do que é. Esse conteúdo é preservado dialeticamente no conceito de Devir que indica que o Absoluto deve ser pensado, ao menos de início, como processo e transição do que como coisa ou entidade.⁷¹

Se seguirmos mais adiante, o próprio devir é destruído em sua unidade porque, apesar do ser e do nada desaparecerem um no outro, não deixam de ser eles mesmos, de modo que o devir “se contradiz a si mesmo, porque como tal ele reúne (*vereint*) em si os opostos um do outro; mas uma tal reunião (*Vereinigung*) destrói (*zerstört*) a si mesma.”⁷²

Mas a destruição do devir não resulta no nada, pois “como tal ele seria somente um retorno a uma das determinações já superadas, e não o resultado do nada e do ser.”⁷³ A destruição do devir resulta no mesmo movimento que dá lugar a uma simplicidade calma (*ruhige Einfachheit*) na qualidade de uma unidade imediata unilateral (*einseitigen unmittelbaren Einheit*) porque tomada como ser, não, porém, o ser puro inicial, “mas como determinação do todo (*Bestimmung des Ganzen*),”⁷⁴ e por isso ser-aí (*Dasein*).

O que esses passos iniciais na Doutrina do Ser demonstram é que o pensar, ao ater-se tão somente às determinações que encontra em si mesmo, descortina tensões cujas resoluções o pensar só poderá encontrar também em si mesmo. As determinações, as tensões e suas resoluções lógicas sempre delimitam-se no domínio conceitual. Isso significa que o pensar não somente é objeto, fim e conteúdo de si mesmo, mas que, como diz Pinkard, há uma normatividade que parecia não estar presente ao início quando se pensou o ser puro. Essa normatividade conceitual não é algo que vem de fora e submete as transições e relações lógicas que devem ser seguidas. Pelo contrário, trata-se de uma autoridade normativa do próprio pensar. Como diz Pinkard:

⁷¹ DUQUETTE. Kant, Hegel, p. 06.

⁷² HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, p. 93.

⁷³ HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, p. 93.

⁷⁴ HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, p. 93.

nós devemos conceber nosso pensamento como sendo sujeito somente a essas ‘leis’ (ou razões) que ele pode considerar como o autor; e isso requer que ele comece com algo que tem a aparência paradoxal de algo que ele não foi autor (nesse caso, o pensamento do ‘ser’), que, por sua vez, gera de si mesmo um requerimento que nós reconheçamos que, normativamente, deve haver mais em ação além daquilo com que começamos.⁷⁵

A autoria normativa constitui um princípio de coesão interna ao trajeto de exposição lógica que desvela uma cadência conceitual progressiva fundada, como dirá Longuenesse, “sobre uma tomada de posição quanto ao estatuto de seus conceitos.”⁷⁶ Cada momento é descortinado, exposto por aquilo que ele é na sua pura conceitualidade. Longuenesse sublinha que nesse progredir não se elucida somente o conteúdo conceitual, mas, como dissemos acima, carrega uma referência ao existente, uma relação a um ser, a um real, a um objeto, ou seja, respectivamente às Doutrinas do Ser, da Essência e do Conceito. É baseado nisso que, retornando a Kant, Longuenesse afirma:

poder-se-ia dizer que a Lógica de Hegel é, inseparavelmente, dedução metafísica e dedução transcendental das categorias da metafísica: uma justificação da reivindicação concernente a seus conteúdos como conceitos (o que está, desse modo, sendo pensado: ‘dedução metafísica’), e a justificação das reivindicações concernentes às suas relações aos objetos (ou realidade, ou ser: ‘dedução transcendental’).⁷⁷

Isso não significa que a lógica hegeliana se refere a um conteúdo sensível, externo ao pensar ele mesmo, e sim que o pensar, em sua própria imanência, estabelece para si a relação com aquilo que se tomará por ser, por real e por objeto. Também Duquette aponta que a *Lógica* é um tipo de dialética transcendental, mas diversa daquela de Kant, uma vez que o significado epistemológico da lógica hegeliana alcança um patamar em que ela se demonstra um *organon* para o conhecimento, o que Kant foi contra. Dessa maneira, a eficácia e inteligibilidade epistemológica das categorias é um diferencial entre Hegel e Kant, o conteúdo das categorias sendo “independente da referência às condições sensíveis da experiência de um objeto.”⁷⁸ É num sentido similar que caminham as ponderações de Longuenesse sobre o sentido de crítica na *Lógica* de Hegel. Referindo-se à lógica hegeliana como dedução metafísica e transcendental, afirma: “O objeto principal dessa dedução é de colocar fim

⁷⁵ PINKARD, T. *German Philosophy 1760-1860*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 254.

⁷⁶ LONGUENESSE. *Hegel et la critique de la métaphysique*, p. 07.

⁷⁷ LONGUENESSE. *Hegel et la critique de la métaphysique*, p. 07.

⁷⁸ DUQUETTE. Kant, Hegel, p. 03.

definitivamente e radicalmente a toda ilusão representativa, segundo a qual o pensamento poderia ser medido por outro que não ele mesmo.”⁷⁹

Quando se fala da metafísica em Hegel como passando a ter o sentido de uma exposição crítica dos conceitos puros, isso significa que estas têm seu estatuto no pensar que funda-se a si mesmo e dá a si mesmo o critério do que é real.

5. *Empirismo e lógica especulativa*

Nada disso, porém, implica dizer que Hegel deixa completamente de lado o mundo concreto para colocar o real somente no puramente inteligível. O argumento de Hegel consiste em que o pensar, sendo medida de si mesmo, encontra sua unidade originária com o mundo em si, ou seja, só o pensar pode dar para si a prova de sua objetividade, de sua efetividade e unidade com o real. Nesse sentido, o argumento de Hegel não é muito distante daquele que Kant operou ao criticar o empirismo de Hume.

Ao lermos a primeira *Crítica* percebemos que, na busca de refutar a tese de Hume de que a relação de causa e efeito provém de uma mera noção de hábito a partir da ordem que nos acostumamos a experienciar os fenômenos, Kant busca demonstrar que essa relação é necessária a tal ponto que não seria sequer possível a experiência empírica que Hume toma como fonte de suas investigações filosóficas: “Portanto, só enquanto subordinamos a sucessão dos fenômenos e, portanto, toda a mudança à lei da causalidade, é possível a experiência, isto é, o conhecimento empírico dos fenômenos.”⁸⁰

Deste modo, Kant inverte a ordem dos fatores, ou seja, Hume buscou o princípio de causalidade como algo *a posteriori* que deve ser possibilitado através da experiência, ao passo que Kant colocou este princípio como *a priori*, que possibilita a experiência ela mesma, já que a sucessão temporal depende da relação de uma causa que realiza um efeito. Mas então, todo o conhecimento empírico torna-se, por sua vez, também dependente da causalidade, e neste ínterim, conseqüentemente, o próprio domínio da natureza. Segundo esta fórmula, as leis mecânicas da causalidade imperam no momento de se elaborar conceitualmente as conexões que contemplamos empiricamente.

As críticas de Hegel à concepção kantiana da causalidade nos levariam não só a abordar

⁷⁹ LONGUENESSE. *Hegel et la critique de la métaphysique*, p. 07.

⁸⁰ KANT. *Kritik der reinen Vernunft*, B 234.

a relação de causa e efeito na Doutrina da Essência, mas também envolveria tratar do princípio teleológico tal como se apresenta em Kant e em Hegel e das relações entre ambas concepções de telologia. O que nos interessa neste contexto está, no entanto, em ver como a crítica hegeliana ao empirismo se distingue-se da vertente kantiana por não se sustentar em uma necessária dicotomia entre o pensar e o objeto. Para Hegel, já desde Iena essa própria dicotomia que define a filosofia transcendental é uma expressão da razão em seu caráter absoluto, sendo por isso tragada na sua cadência histórica e lógica. Essa superação da dicotomia se realiza com o conceito de vida enquanto resultado da crítica de Hegel dos princípios de causalidade e de teleologia kantianos. Com este conceito de vida, a proposta hegeliana versa sobre uma compreensão completamente diversa do que é a ideia filosófica, do que é uma lógica conceitual. O pensar puro como vida resulta numa elaboração da ideia lógica como uma unidade total que, na *Lógica*, encontra sua primeira figura de fato na Vida como Ideia imediata. Essa unidade é aquela entre conceito e objetividade. A produção dessa unidade encontra-se como uma atividade conceitual constante. Essa atividade produtora da unidade conceitual é marcante na Doutrina da Essência, por exemplo. A elaboração da essência enquanto reflexão denota exatamente este caráter de mediação entre opostos que, separados, não passam de posições unilaterais. A última seção da Doutrina da Essência, a Efetividade, é o culminar dessa unidade que na relação de substancialidade unifica a substância e seus acidentes, e demonstra que a verdade da relação de causalidade é a ação recíproca onde causa e efeito convertem-se mutuamente. O conceito de vida, tanto em Kant quanto em Hegel, pauta-se nessa unidade de sujeito e objeto, de substância e acidente, de causa e efeito. O juízo teleológico de Kant implica essa unidade que Hegel mesmo aponta em suas *Vorlesungen*,⁸¹ mas que, já desde *Fé e Saber*,⁸² denuncia Kant por recuar no momento mesmo em que teve ao alcance essa unidade especulativa. A ideia imediata como vida e teleologia interna consiste justamente nisso: a internalização de subjetividade e objetividade de tal modo que o conteúdo não surge mais enquanto exterioridade, mas na própria atividade da forma.

É essa unidade do pensar com o real o resultado que se alcança na ideia imediata que, enquanto vida, caracteriza-se por ser a unidade do conceito e da objetividade. Não se trata de uma metafísica no sentido clássico. Hegel reconhece, por exemplo, que “Há no empirismo este grande princípio: o que é verdadeiro deve estar na efetividade (*Wirklichkeit*) e existir para

⁸¹ Cf., por exemplo, HEGEL. *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*, p. 373-374 e 377.

⁸² HEGEL, G.W.F. *Glauben und Wissen*. In: *Werke*. Eva Moldenhauer und Karl Markus Michel (hrsg). Band 2. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1993, p. 325.

a percepção (*Wahrnehmung*).”⁸³ De fato, Hegel dá bastante valor para os acontecimentos históricos, não se distanciou da vida efetiva, real, e os desdobramentos sociais e políticos de sua época estão bastante presentes em seus escritos desde a juventude até o fim de sua vida. Mas o caráter especulativo de sua filosofia, e que confronta o empirismo, está em ver neste a incapacidade de operar uma crítica dos mesmos dados imediatos que surgem para a consciência. Ao mesmo tempo, a filosofia empírica deixa de perceber que, nela mesma, está em ação as categorias metafísicas que ela busca renegar:

A ilusão-básica (*Grundtäuschung*) no empirismo científico é sempre esta: utilizar as categorias metafísicas de matéria, força, e também uno, múltiplo, universalidade, infinito, etc., e além disso avançar por *silogismos* na linha de tais categorias, ali pressupondo e aplicando as formas do silogismo; e não saber que em tudo, ele mesmo, assim inclui e pratica metafísica; e usa essas categorias, e suas ligações, de uma maneira completamente acrítica e inconsciente.⁸⁴

Não se trata, portanto, de dizer que se deve retornar à metafísica clássica. Trata-se, isso sim, de compreender, como já dissemos, o que são as categorias metafísicas e como elas operam no pensar no momento mesmo que em buscamos compreender a realidade sensível. Há uma experiência conceitual, uma experiência pura do pensar que acompanha a própria consciência sensível, fundamentada em toda a discussão realizada por nós até aqui. O caráter vivo da lógica que Hegel busca propor é um fundar-se a si mesmo do pensar em seu próprio domínio. A infinitude do pensar puro é sua capacidade criadora que não é distinta do diferenciar ininterrupto das determinações, mas cujo trabalho de gerar em si mesmo o outro de si traduz-se na criação de si mesmo enquanto pensar e enquanto pensar de si. Esse criar-se a si mesmo enquanto pensar é a “plenitude de todo o conteúdo,”⁸⁵ é a unidade concreta e viva que superou a distinção entre a consciência e o objeto. O resultado do movimento conceitual na *Lógica* é que

a lógica foi definida como a ciência do puro pensar, que tem seu princípio no puro saber, dotada de unidade, não abstrata, mas viva, concreta porque nela se encontra superada (*überwunden*) a oposição (*Gegensatz*) da consciência de uma existência para si subjetiva e uma segunda tal existência, uma objetiva, e porque o ser ali é percebido como conceito puro em si mesmo, e o puro conceito como o ser verdadeiro.⁸⁶

⁸³ HEGEL. *Enciclopédia*, §38.

⁸⁴ HEGEL. *Enciclopédia*, §38.

⁸⁵ HEGEL. *Enciclopédia*, §160 Z.

⁸⁶ HEGEL. *Wissenschaft der Logik* p. 42.

6. *Considerações finais*

O trajeto de nossa exposição consistiu em demonstrar como Hegel fundamenta a possibilidade de uma lógica pura. Para tanto, vimos como Hegel lida com a metafísica clássica, com o idealismo transcendental e com o empirismo. Esses passos demonstram-se necessários, haja vista que conceber uma experiência pura do pensar implica revisitar a problemática genuinamente metafísica. Defendemos, neste ínterim, que se pudermos falar de uma metafísica hegeliana, é incontornável repensar completamente o próprio significado que se tem de metafísica. É nisso que se sustenta a transformação hegeliana da metafísica em lógica. A lógica, porém, enquanto experiência do pensar puro, não é uma fenomenologia da consciência em sua formação rumo ao saber absoluto, pois não se encontra na relação de oposição a um objeto que marca a trajetória da consciência. Ambos os lados desta relação que foi deflagrada na *Fenomenologia* existem agora, na *Lógica*, enquanto inseparáveis, distintos, mas não na qualidade de termos independentes um do outro. A lógica é, assim, a experiência do pensar nele mesmo, que, depois de vivenciar seu objeto enquanto oposto, descobriu nessa própria vivência o desdobramento de si mesmo enquanto pensamento e percebeu na experiência da consciência o vivenciar do próprio pensar em sua formação e criação de si mesmo. Da experiência da consciência surge a vida do próprio pensar. A relação então se inverte, e essa vida do pensar que supera oposições, abismos e cisões se torna a própria fonte de onde a consciência deflagrou o seu viver enquanto mundo. A lógica é, assim, uma ciência da experiência do pensar puro que encontra nos seus próprios conceitos a tecitura daquilo que chama de real. O que se trata na lógica hegeliana é a unidade originária em sua exposição e apreensão, uma unidade que resulta da autoconsciência, mas que, ao mesmo tempo, funda a própria consciência que pensa tanto seu objeto, como um oposto a si, quanto a si mesma. É por isso que a ideia lógica é resultado e origem, já que, ao atingir o saber absoluto, a consciência descobre que desde o início seu percurso versou sobre o conhecer de si e que agora, na lógica, pode ser feita a partir das categorias infinitas do pensar enquanto construção e auto-exposição do absoluto ele mesmo.

Deste modo, as categorias que se apresentam na lógica hegeliana formam um tecido conceitual que está em ação ainda que não se esteja consciente dele e do qual não se pode prescindir. É o que Hösle chama de “iniludibilidade do princípio reflexivo absoluto; também

quem não as explicita, não obstante, as pressupõe.”⁸⁷ O conceito não é um oposto ao sensível, mas lhe é imanente: “O conceito é imanente (*Innewohnende*) às coisas mesmas; por ele, as coisas são o que são; e conceituar um objeto significa, por isso, ser consciente de seu conceito.”⁸⁸ Como aponta Houlgate, apesar de ser importante a correspondência com a experiência, a “filosofia não pode ser fundada na experiência,” já que não se pode

meramente observar o que aparece ser o caso no momento; mas sim derivar a concepção do que de fato é a racionalidade viva do mundo e através disso obter um padrão pelo qual legitimar ou criticar nossa compreensão comum de experiência, e de fato legitimar ou criticar formas da existência natural e humana elas mesmas.⁸⁹

O sentido de metafísica em Hegel remete, assim, ao âmbito racional das categorias e conceitos que empreende-se ao conceber o mundo. Ao tratar da atomística, por exemplo, Hegel deixa claro esse ângulo de sua argumentação que evita cair na metafísica clássica.

Como ainda hoje em dia a atomística está em grande estima entre esses cientistas-da-natureza que não querem saber da metafísica, convém lembrar aqui, a respeito, que não se escapa da metafísica – e, mais precisamente, da redução da natureza a pensamentos – lançando-se nos braços da atomística; pois, de fato, o átomo é ele mesmo um pensamento, e assim a compreensão da matéria como constituída de átomos é uma compreensão metafísica. Newton, sem dúvida, advertiu expressamente a física que tinha de preservar-se da metafísica; no entanto pode-se notar, para honra sua, que não se comportava de modo algum conforme essa advertência. De fato, só os animais são meros e puros físicos, pois eles não pensam; ao passo que o homem, como ser pensante, é um metafísico nato. Neste ponto, só importa mesmo é se a metafísica que se emprega é da espécie correta, e notadamente se, em lugar da ideia lógica concreta, não são as determinações-de-pensamento unilaterais, fixadas pelo entendimento, [que constituem aquilo] a que se atém.⁹⁰

Restringir-se ao que é imediatamente dado na experiência é ignorar a experiência conceitual que está em ação, esta que pode libertar o pensamento das amarras da mera admissão do que nos é dado. Essa experiência conceitual que nos permite pensar e repensar a experiência sensível é também o que nos permite pensar o pensamento em si mesmo e encontrar ali a “razão livre e auto-determinante que estabelece ela mesma o que é de valor.”⁹¹ Hegel admite que “O exterior é *em si* o verdadeiro,” mas isso porque “o verdadeiro é efetivo e

⁸⁷ HÖSLE, V. *O Sistema de Hegel – o idealismo da subjetividade e o problema da intersubjetividade*. Trad. Antônio Celiomar. São Paulo: Loyola, 2007, p. 86

⁸⁸ HEGEL. *Enciclopédia*, §166 Z.

⁸⁹ HOULGATE. *Hegel, Nietzsche and the criticism of metaphysics*, p. 127.

⁹⁰ HEGEL. *Enciclopédia*, §98 Z1.

⁹¹ HEGEL. *Enciclopédia*, p. 124.

deve existir.”⁹² O poder do pensar consiste em que nada há que possa se apresentar como independente ou que não possa ser penetrado pelo pensar. O aspecto universal dessa fórmula constitui-se como método:

O método deve ser reconhecido, por isso, como o modo universal irrestrito (*ohne Einschränkung*), interno e externo, como a força infinita (*unedliche Kraft*) ao qual nenhum objeto, apresentando-se como algo externo, distante e independente da razão, poderia oferecer resistência, ou de uma natureza particular oposta a ele [o método], ou poderia não ser penetrada por ele.⁹³

Essa ‘força infinita ao qual nenhum objeto...poderia oferecer resistência’ é justamente o que permite a auto-legislação que funda a liberdade do pensar em contraposição ao empirismo “porque a liberdade consiste justamente em que eu não tenha diante de mim nada absolutamente outro, mas dependa de um conteúdo que sou eu mesmo.”⁹⁴

O quadro geral que resulta de nossa argumentação sobre a problemática de uma metafísica hegeliana tende a concordar com Kreines quando este discorda tanto das leituras metafísicas tradicionais quanto das leituras não-metafísicas.

O que caracteriza as interpretações metafísicas não é tanto suas leituras das conclusões de Hegel, mas sua insistência de que as premissas de Hegel incluem a suposição da possibilidade do conhecimento completo de toda a realidade como um todo incondicionado, ou da transparência total da realidade ao pensamento.⁹⁵

E argumenta contra:

(...) Hegel não começa e não pode começar com suposições concernentes à unidade e total inteligibilidade que são atribuídas a ele pelas interpretações metafísicas, já que essas só poderiam ser um apelo ao conhecimento imediato que Hegel rejeita. Hegel insiste, ao contrário, que nós renunciamos a todo apelo à imediatidade e em geral ao que é suposto a ser um padrão autoritativo inerente governando o pensamento ou a cognição de fora do seu alcance.⁹⁶

É contra um apelo a uma unidade absoluta assumida que a lógica hegeliana se declara herdeira de Kant no que toca, como Kreines aponta e como discorreremos aqui, o tribunal da razão, sua capacidade de se autolegislar.

⁹² HEGEL. **Enciclopédia**, §38 Z.

⁹³ HEGEL. **Wissenschaft der Logik**, p. 486.

⁹⁴ HEGEL. **Enciclopédia**, §38 Z.

⁹⁵ KREINES, James. Hegel’s Critique of Pure Mechanism and the Philosophical Appeal of the *Logic* Project, **European Journal of Philosophy** 12:1, Blackwell Publishing Ltd., 2004, p 56.

⁹⁶ KREINES, Hegel’s Critique of Pure Mechanism, p. 56.

Assim também, concordamos com Kreines no que toca os limites da leitura não-metafísica de Hegel que resulta em uma kantianização de Hegel inadequada. Como o comentador aponta sobre essa tendência:

A ideia é que Hegel concorda com Kant que nós não podemos saber que um ou outro tipo de entidade fundamental existe de modo mais fundamental e em última instância explica; apesar de Hegel ocasionalmente hesitar, seu projeto central é suposto a evitar tais questões metafísicas em favor da reflexão somente quanto a noções gerais necessárias para pensarmos de algum modo algum objeto, na forma de nosso conhecimento, nas condições de possibilidade de um esquema conceitual, etc.⁹⁷

E argumenta contra:

(...) Mas precisamente para fazer bem no resultado interno da crítica à filosofia crítica de Kant, o projeto de Hegel não pode ser limitado a ambições meramente não-metafísicas. (...) Hegel precisa de uma tentativa ambiciosa e positiva de justificar ou derivar uma explicação daquilo que mais fundamentalmente existe, especificamente no sentido daquilo que verdadeiramente fundamenta toda explanação no sentido objetivo – uma explicação do ‘absoluto.’⁹⁸

Como dissemos, Hegel vê como positivo na metafísica, contra Kant, o fato de almejar à verdadeira natureza das coisas apreendidas pelo pensamento. Porém, contra as leituras metafísicas, e próximo a Kant, este não é um princípio assumido, e sim construído pelo próprio pensar. Como argumentamos, o pensar estabelece para si sua própria relação com o real, de modo que a exposição crítica dos conceitos puros é exatamente o fazer do pensar que funda-se a si mesmo e dá a si mesmo o critério do que é real. Parece-nos que Kreines argumenta em uma linha similar: ao conceber a lógica hegeliana como uma explanação objetiva, ele tanto nega que a *Lógica* trate das condições de possibilidade do objeto para o pensar, sem superar a proibição kantiana de acesso ao real, quanto nega que o real seja dependente do pensar.⁹⁹ A explanação objetiva parece sustentar, assim, uma autoria normativa da razão no que toca um conhecer absoluto porque efetivo e imanente. Em outras palavras, a

⁹⁷ KREINES, Hegel's Critique of Pure Mechanism, p. 56.

⁹⁸ KREINES, Hegel's Critique of Pure Mechanism, p. 58.

⁹⁹ Cf.: “Em segundo lugar, essa proposta consiste em uma form robusta mas não usual de idealismo filosófico. É não usual pelo fato de que não quer que tudo é (ou é construído a partir da) mente, consciência, percepções ou similares; a existência da matéria ou o preto do meu gato, por exemplo, não precisam ser dependentes do *Geist*. Mas é, apesar disso, um idealismo filosófico substancial repleto de implicações contra-intuitivas” (KREINES, Hegel's Critique of Pure Mechanism, p. 60).

explicação – diferente da descrição¹⁰⁰ – só ocorre de fato na medida em que o pensar puro, isto é, não intuitivo, a partir de si mesmo, comprova para si mesmo o alcance real de suas categorias. Como vimos acima, é esse o resultado – e não pressuposto – da *Lógica* enquanto método: o transcurso da lógica demonstrou não haver nada que possa se apresentar como independente ou que não possa ser penetrado pelo pensar. Esse é, afinal, o significado do verdadeiro infinito em Hegel: o pensar é a si mesmo em seu outro.

O pensar demonstrou-se poder da autoria normativa, uma normatividade absoluta que é liberdade na medida em que tudo lhe é imanente, pois penetra tudo. O método enquanto resultado da *Lógica* afirma-se como significado último e mais completo da experiência conceitual, já que é um proceder em que “sucederam todas as figuras (*Gestalten*) de um conteúdo dado e de objetos (*Objekte*),” e que, com isso, o que ficou exposto não foi somente a transição (*Übergang*) e inverdade (*Unwahrheit*) dessas formas, mas, principalmente, que “a forma absoluta revelou ser o fundamento absoluto (*absolute Grundlage*) e verdade última (*letzte Wahrheit*).”¹⁰¹

Se essa odisséia do pensar puro angariou todas as determinações do pensamento e suas relações, envolvendo-as em uma tecitura inteligível e auto-organizada, porque autolegislada, fundando sua própria relação com o real, o que resulta é que o “conceito (*Begriff*) é tudo, e seu movimento é a atividade universal absoluta (*absolute Tätigkeit*), o movimento autodeterminante e autorrealizante.”¹⁰² É este o *logos* hegeliano que se deflagra na qualidade de uma experiência conceitual, uma experiência do pensar puro.

No que toca, enfim, a discussão de uma leitura metafísica ou não-metafísica da lógica hegeliana, parece que Hegel novamente nos coloca o desafio de evitar o ‘ou-ou’ que ele tão veementemente criticou. Poderíamos dizer que, tal como *O Capital* de Marx consiste em uma destruição de toda economia política, assim também acreditamos ser possível compreender a *Ciência da Lógica* como uma metafísica que, na qualidade de lógica, destrói toda metafísica, obrigando esta a ceder espaço diante da filosofia transcendental. Devido a essa congruência entre metafísica e filosofia transcendental, e uma vez que Hegel não parece recusar, de fato, as aspirações metafísicas – ainda que repensadas através da crítica transcendental e da tradição dialética – optamos pela denominação de ‘lógica metafísica,’ ou metafísica crítica ou reformulada.

¹⁰⁰ Cf. KREINES, Hegel's Critique of Pure Mechanism, p. 44.

¹⁰¹ HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, p. 486.

¹⁰² HEGEL. *Wissenschaft der Logik*, p. 486.

André Cressoni
Unicamp - Rua Cora Coralina, 100
Cidade Universitária
Campinas SP 13083-896

cressoni@gmail.com

BIBLIOGRAFIA

CRESSONI, André. Sócrates no período das Luzes – a crítica do jovem Hegel à imagem socrática no espírito do Iluminismo alemão. **Revista E. F. e H. da Antiguidade**. Campinas, nº 26, Julho 2009/Junho 2003, p. 91-109. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/cpa/article/view/1484>

DILTHEY, Wilhelm. **Hegel y el Idealismo**. Trad. Eugenio Ímaz, México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1944.

DUQUETTE, David. Kant, Hegel and the possibility of speculative logic. In: Di GIOVANNI, George (org), **Essays on Hegel's Logic**. Albany: State University of New York Press, 1990.

HARTMANN, Klaus. Hegel: a non-metaphysical view. In: STERN, Robert (ed). **G.W.F. Hegel - Critical Assessments, Vol. III – Hegel's Phenomenology of Spirit and Logic**. London & New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 1993.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie. In: **Werke**. Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel (hrsg). Band 18-20. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1993.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Wissenschaft der Logik**. Band I-II. Georg Lasson (hrsg). Hamburg: Felix Meiner, 1963.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Science de la Logique**. Traduction intégrale S. Jankélévitch. Paris: Aubier Editions Montaigne, 1949.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Hegel's Science of Logic**. Trans. A.V. Miller. London: Allen & Unwin, 1969.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften. In: **Werke**. Eva Moldenhauer e Karl Markus Michel (hrsg). Band 8. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1993.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Enciclopédia das ciências filosóficas**. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995.

HÖSLE, Vittorio. **O Sistema de Hegel – o idealismo da subjetividade e o problema da intersubjetividade**. Trad. Antônio Celiomar. São Paulo: Loyola, 2007.

HOULGATE, Stephen. **Hegel, Nietzsche and the criticism of metaphysics**. New York: Cambridge University Press, 1986.

KANT, Immanuel. **Kritik der reinen Vernunft**. Kants Werke Akademie-Textausgabe. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1968.

KREINES, James. Hegel's Critique of Pure Mechanism and the Philosophical Appeal of the *Logic* Project. **European Journal of Philosophy** 12:1, Blackwell Publishing Ltd., 2004, p. 38-74.

LONGUENESSE, Béatrice. **Hegel et la critique de la métaphysique – étude sur la doctrine de la essence**. Paris: Vrin, 1981.

LUKÁCS, György. **The Young Hegel**. Trans. R. Livingstone. London: Merlin Press, 1975.

McTAGGART, John Ellis. **A Commentary on Hegel's Logic**. London:

Routledge/Thoemmes, 1999.

PINKARD, Terry. **German Philosophy 1760-1860**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

PIPPIN, Robert B. **Hegel's Idealism – The Satisfactions of Self-Consciousness**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

ROSEN, Michael. From *Vorstellung* to thought: is a 'non-metaphysical' view of Hegel possible? In: STERN, Robert (ed). **G. W. F. Hegel – Critical Assessments, Vol. III – Hegel's Phenomenology of Spirit and Logic**. London & New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 1993.

STERN, Robert. **Hegelian Metaphysics**. Oxford Scholarship Online, 2009.

WEINKAUF, David. Hegel's Logic as an *Allesaufhebung* of antinomies. **Journal of Philosophy**, Vol. 10, N° 2, p. 1-16, 2009. Disponível em: <https://artsciweb.concordia.ca/ojs/index.php/gnosis/issue/view/4>